

O futuro não é mais como era antigamente: representações hollywoodianas do porvir.

Ailton Pereira Morila

Centro Universitário Central Paulista – UNICEP

Resumo:

O objetivo deste ensaio é contribuir para a discussão das representações sobre o futuro expressas nas produções ficcionais hollywoodianas (películas e seriados) das últimas décadas. Destacam-se alguns aspectos como o medo do futuro, a proeminência dos EUA, as relações entre Estado e sociedade e entre a sociedade e a tecnologia, aproximando-os das discussões acadêmicas sobre o tema.

Palavras chave: futuro; cinema; história.

Abstract:

The objective of this essay is to contribute for the quarrel of the representations on the future express in the Hollywood fiction production of the last decades. Some aspects are distinguished as the fear of the future, the proeminence of U.S.A., the relations between State and society and the society and the technology, approaching them of the academic quarrels on the subject.

Key words: future; cinema; history.

A preocupação com o futuro é uma premissa moderna. Na Idade Média o futuro estava garantido por suas escolhas: a salvação ou a danação eterna. Na sociedade moderna surgem os primeiros utopistas, os primeiros futurólogos deterministas. A preocupação deixa de ser religiosa e passa a ser social. Para onde caminha a história? Qual o destino da sociedade? São algumas das questões que permearam obras de diversos pensadores na modernidade.

Esta preocupação mantém-se nos dias de hoje e enquanto alguns decretam o fim da história e anunciam (felicitando ou não) o único caminho possível, outros buscam alternativas realizáveis.

Assim, Fukuyama decreta o fim da história em 1989 no artigo "the end of history" gerando polêmicas e críticas. O mesmo Fukuyama (1992) reafirma este fim em livro posterior, utilizando de filósofos como Platão, Hegel e Kojève. A história havia chegado ao seu melhor termo, a Democracia Liberal. Alto funcionário do departamento de estado do governo Bush (pai), Fukuyama viu o muro de Berlim

desabar, e com ele o bloco soviético desmoronar. “It’s no way” havia declarado Margareth Thatcher. Das duas possibilidades apontadas durante a guerra fria, sobrara apenas uma. O mundo, segundo Fukuyama, estava dividido em dois, não mais capitalismo e comunismo, mas o mundo histórico e o mundo pós-histórico liderados pelos EUA.

Dois meses antes Niethammer (1989) lançava *posthistoire*, identificando um *background* comum a vários pensadores europeus, que invertendo as teorias otimistas (e iluministas) de história dos séculos XVIII e XIX, mostrava um pessimismo, o fim dos significados: “os governantes deixaram de governar, mas os escravos continuam escravos” (p. 156 Apud ANDERSON, 1992, p. 2). Frustraram-se todas as utopias, e agora a *intelligentsia* europeia havia escolhido o caminho da reclusão, em uma atitude de “pessimismo cultural elitista” (ANDERSON, 1992, p. 9).

Nas películas

Mas a preocupação não se encerra nos meios acadêmicos. No século XX o cinema – e posteriormente a televisão – é uma das principais fontes de divulgação destas preocupações. A chamada ficção científica, com mundos paralelos, invasões extraterrestres, inteligências artificiais vem povoando a imaginação de espectadores no mundo todo. Em especial a ficção hollywoodiana, que tem a seu dispor dinheiro, tecnologia e uma indústria cultural que invade boa parte do mundo. Quais os futuros anunciados por estes filmes? Que sociedade teremos? O futuro anunciado nas décadas passadas é diferente das previsões mais atuais?

Livre das amarras da dita realidade e transitando entre o passado e o presente, as produções ficcionais subvertem a ciência, inventam e reinventam marcos, narrativas, futuros enfim.

Analisando parte da produção ficcional das últimas décadas, podemos perceber alguns aspectos como o medo do futuro, a proeminência dos EUA, as relações entre Estado e sociedade e entre a sociedade e a tecnologia, a permanência ou não da raça humana entre outros. A análise comparativa da produção das décadas passadas com a produção mais recente possibilita entrever as mudanças nas representações do futuro.

O futuro quase destruído e o futuro destruído

Nos filmes mais antigos, a preocupação com a destruição do mundo já se faz presente. *Em guerra dos mundos*, clássico baseado em livro e refilmado recentemente, uma invasão alienígena ameaça a destruição da humanidade. A

despeito das poderosas armas utilizadas, os alienígenas avançam sobre a terra e não fosse a natureza representada por vírus e bactérias, o fim teria sido trágico. É o mesmo tema de *Independence day*. Após uma invasão extraterrestre de proporções mundiais a terra é salva do cataclisma pelos estadunidenses que repassam as informações de como combater os alienígenas, salvando assim a humanidade.

Muitas vezes o a eminente destruição da terra é resultado das forças da natureza. Um bom exemplo disto é "Armagedon". Neste caso um herói americano – o personagem de Bruce Willis – sacrifica a própria vida para livrar a terra de um asteróide gigante que a destruiria.

Muitos filmes deste mesmo período têm a figura humana como salvadora das possíveis catástrofes infligidas pela natureza. Toda a tecnologia criada pelo homem, desde bombas atômicas, supercomputadores, ônibus espaciais, rede de satélites são utilizados para tanto, que, somados a um herói disposto a sacrificar-se em prol da humanidade, salvam, no último momento, toda a terra.

Mais recentemente, a tecnologia, e em última análise o próprio homem é o causador da destruição da humanidade. Alardeados pelos cenários nada agradáveis de tsunamis, aquecimento global, furacões cada vez mais violentos, secas devastadoras e os constantes alertas de cientistas insistindo que este é só um aviso das transformações que virão, surgem filmes seguindo este tema. Em "O dia depois de amanhã" um cientista avisa dos perigos do aquecimento global, e é ridicularizado pelo governo estadunidense. Pouco depois acontece exatamente o que ele previu, e todo o hemisfério norte fica inabitável. Uma espécie de castigo, de vingança da natureza contra os abusos cometidos, principalmente pelos países mais industrializados.

Em outros filmes, como em "Matrix" e o "Exterminador do futuro", é a própria tecnologia – criada pelo homem – que escraviza ou ameaça a destruição da humanidade. A chamada A.I. (inteligência artificial) por razões desconhecidas se descontrola e entra em guerra com o seu criador.

Neste sentido é interessante a trilogia do "Exterminador do futuro". O primeiro não mostra como se inicia esta guerra. O filme é um *triller* de ação e ficção, sem muitas preocupações de futurologia, por assim dizer. É nas seqüências que aparecem algumas questões interessantes. No segundo filme, a personagem principal tenta matar o cientista responsável pelo início da tecnologia, o vilão, o responsável pela iminente guerra. O "vilão" se mostra uma pessoa sensível, pai de família e cumpridor de seus deveres. Não é a sua vilania a responsável por tudo, e sim sua inocência em tratar a ciência como um bem. O tema não é novo na história

da ciência, pelo contrário é uma inquietação dos cientistas desde a construção da bomba atômica, como podemos perceber em Berman (1999). Serve como um alerta ao grande público, das mensagens insistentemente ditas – e pouco divulgadas ou ouvidas – da comunidade científica mundial. Já no terceiro filme, como se fosse tarde demais para estas conjecturas, o homem está tão ligado às máquinas, à tecnologia, que não pode mais se furtar a deixar de usá-la. O cientista inocente dá lugar a um burocrata, preocupado por certo com as conseqüências da tecnologia que ele mesmo criou, mas quase mudo diante das ordens governamentais e praticamente impotente diante das conseqüências.

O futuro quase destruído, salvo por heróis e tecnologias de ponta é substituído nos filmes atuais pela destruição completa (ou quase) da humanidade. A culpa é do próprio homem e sua tecnologia. O herói é substituído pelo vilão, não um vilão maldoso, mas uma pessoa engessada pela ciência ou pela burocracia governamental.

Estado e Sociedade

Uma temática constante em filmes de ficção é a sociedade e as relações desta com o estado. Diferentemente da questão anterior, o pessimismo, assim como o otimismo estão presentes quer seja nos filmes mais antigos quanto nos mais recentes.

Nos filmes “Guerra dos mundos”, “Independence day” e no recente “O dia depois de amanhã”, apesar da destruição de boa parte da infra-estrutura do mundo ou de parte dele, a reconstrução social se faz nas mesmas bases de antes. Assim o governo é mantido, mesmo que no exílio como em “O dia depois de amanhã”, e a sociedade - ao que tudo indica - manter-se-á como antes, ou seja, uma democracia liberal. Como Fukuyama (1992) gostaria, estes cataclismas serviriam antes para reafirmar a luta pela manutenção da democracia liberal, bem maior e fim último de toda a humanidade. Neste mesmo filme, ao contrário dos anteriores, uma nova questão aparece: o terceiro mundo. A devastação de “Guerra dos mundos” e “Independence day” parecem ficar restritas ao primeiro mundo, ou melhor dizendo, os países subdesenvolvidos nem aparecem na trama, como se não existissem ou não importassem. É só no mais recente “O dia depois de amanhã” que o terceiro mundo aparece, e em certa medida é essencial na trama da história. São estes países que acolhem os “irmãos” do norte, em troca do perdão da dívida externa. De um lado percebemos certa ingenuidade no filme. Por que após anos de exploração os países do terceiro mundo aceitariam estas condições? Por que aceitar imigrantes em troca do perdão da dívida, sendo que esta dívida não poderia mais ser cobrada,

pois não restaria - se não fosse a boa vontade do terceiro mundo - governo para cobrá-la? De qualquer maneira, o filme toca em um assunto atualíssimo: a insustentabilidade da cobrança da dívida externa, e a noção de que o futuro como um todo depende também dos países pobres.

A maioria dos filmes, entretanto mostram um futuro nada promissor. Em alguns como em "Mad max", o "Exterminador do futuro", "Water World" a sociedade se desfaz, e a barbárie impera. Não há governo constituído, há déspotas. As relações sociais são marcadas pela lei do mais forte. A escravidão, o saque, o roubo, o assassinato é mola mestra da sociedade. Apesar de existirem pessoas que se unem, tentando resgatar um modo de vida perdido, o que impera é a luta de todos contra todos, em um modelo hobbesiano onde "o homem é o lobo do homem". Apesar do cenário ser bem diferente da reconstrução de certos filmes, a premissa é a mesma: estamos fadados a ser os últimos homens ou voltarmos a ser os primeiros, conforme Fukuyama (1992). Sem lei não há sociedade. Sem contrato social a barbárie impera. O mais forte prevalece, não há propriedade privada, não pode haver governo. A ideologia liberal é a propaganda por trás destes filmes.

Outros filmes passam uma mensagem diferente. O paradigma é "Admirável mundo novo", baseado no livro de Aldous Huxley. A sociedade do futuro, longe de ser atingida por cataclismos naturais, ou invasões extraterrestres, evolui, por assim dizer, da sociedade presente. O que vemos é uma sociedade altamente hierarquizada e autoritária. Controlada nos mínimos detalhes (o nascimento não é mais natural, todos são de proveta, geneticamente modificados para as necessidades sociais), o dia-a-dia é controlado, e até os pensamentos e sentimentos são passíveis de controle. Não há governo, o controle da sociedade foi internalizado a tal ponto que não há necessidade do mesmo. Uma burocracia extremamente eficiente mantém a ordem. Por sinal este é o tema principal de "Brazil" (1985). A rigidez social, a falta de liberdade, o automatismo das relações sociais estão presentes em outros filmes como "Gattaca: a experiência genética". O que vemos nestes filmes é o ideal da sociedade utópica iluminista. Levada ao extremo, a racionalidade, a organização e a ciência transforma o homem em um autômato, completamente preso às normas e convenções. O tema principal destes filmes é, entretanto a resistência de algumas pessoas em aceitar de maneira passiva esta sociedade. Nas palavras de Hibbs (2003, p. 185): "uma consequência não pretendida da implementação das teorias do Iluminismo é a eliminação da liberdade" gerando o niilismo.

Este cenário é também muito bem descrito no "Eu, robô" e em "Minority Report". No primeiro, baseado na obra homônima de Isaac Asimov (não se trata,

entretanto, de uma adaptação), apesar de não haver uma sociedade utópica, o caminho da ciência e extremo racionalismo indica a sujeição da humanidade. Os robôs norteiam-se pelas leis da robótica. No limite extremo, para que nenhum mal possa acontecer aos homens, estes devem ser trancafiados e viver em uma ditadura, pois é a própria natureza humana, em si violenta, a causadora de tantos sofrimentos. Em "Minority Report", a tecnologia (seja ela genética ou informática) impede antecipadamente o homem de cometer crimes, aprisionando-o antes. Em ambos os casos, a sociedade fica sem dúvida alguma mais segura. O preço disto: a liberdade.

Dois casos merecem destaque nesta categoria. O seriado "Star trek" e as duas trilologias de "Star wars".

O seriado para televisão, "Star trek" obteve enorme sucesso, e garantiu sua continuidade em "A nova geração" "Deep space nine", "Voyager" e "Enterprise". Na primeira das séries, o intrépido capitão Kirk comanda a nave estelar enterprise, auxiliado pelo oficial de ciência vulcano, Spock. Apesar de poucas referências a sociedade da terra, há indicações. A violência foi eliminada, bem como a fome. Toda a terra se uniu em uma única nação, e a própria terra faz parte da "Federação dos Planetas Unidos". Sobra ao homem tempo então para "explorar novos mundos, ir onde homem nenhum jamais esteve". Fartura, entendimento, compreensão, tolerância são as características deste filme. Somente o Império Klingon é ameaça. Formado por guerreiros, entram em conflitos com a federação. É um império despótico contra a sociedade ideal. Mas no final o capitão Kirk sempre vence. Outra questão que aparece, é a primeira diretriz que diz respeito a não interferência em outras civilizações. O respeito, a tolerância deve ser mantida, não importando quão distantes os costumes de outra civilização possam - aos olhos da Federação - parecer selvagem. Entretanto, nesta primeira versão, o capitão Kirk joga fora este preceito em nome de valores "humanitários", que são neste sentido mais que universais, são intergalácticos. O capitão Kirk é um "cowboy" - da mesma maneira que os Estados Unidos - leva a liberdade, a igualdade a todos os povos da galáxia, não importando se estes não compartilham dos mesmos valores. É o ambiente da guerra fria. Qualquer civilização pode se unir ao Império (leia URSS) e fazer frente a Federação. Mesmo com algumas perdas humanas, vale mais trazer esta civilização para a Federação (leia-se capitalismo), do que manter intacta a primeira diretriz. Já na seqüência, a "Nova geração" a questão é exatamente esta. Boa parte dos episódios mostra o capitão no dilema entre intervenção e não intervenção. A opção dele normalmente é pela não intervenção, pois os desastres da intervenção

mostram-se normalmente irreversíveis. Questionam-se desta maneira a própria política intervencionista dos EUA, e as graves conseqüências das mesmas.

Mas é somente no terceiro, "Deep Space nine", que a questão se aprofunda. A questão da não intervenção assume ares impossíveis. De certa forma a não intervenção já é uma intervenção. O capitão da estação espacial se encontra no espaço profundo, ou seja, nos limites, nas margens da Federação. Os almirantes na sede da frota estelar na terra, envoltos naquela utopia, não conseguem enxergar a situação nos confins do mundo conhecido, disse, não exatamente com estas palavras, o capitão Cisco. O mundo organizado, racional, livre da fome e das intempéries só existe no centro. Fora dele, um mundo caótico de culturas distintas, muitas vezes em conflito na luta pela sobrevivência, ou o que é pior por poder e riqueza. Surge até mesmo um grupo de humanos rebeldes, os "Makis" que segundo a Federação não passam de terroristas, mas o capitão, apesar de não ser simpático a causa rebelde, entende as razões da mesma. A intervenção ou a não intervenção não se aplicam mais. Doar determinada tecnologia para eliminar a fome significa dar também a tecnologia da destruição em massa. O capitão, cada vez mais irritado, e a federação assistem quase que impassíveis - por vezes dão remédios e cobertores - ao esfacelamento das relações entre as civilizações. Surge uma civilização (Os fundadores) que prometem colocar ordem na galáxia, em troca da rendição incondicional às suas doutrinas. Vemos aqui um pouco do pessimismo acadêmico do fim da história. Envoltos em questões religiosas, lutas políticas, guerras ideológicas, e, principalmente poderio bélico, parece não haver saída para civilização. Em "Voyager" a metáfora se completa. Na tentativa de prender um grupo Maki, a capitã (pela primeira vez uma mulher no comando) perde-se nos confins da galáxia e começa sua jornada de volta a terra (uma jornada que demoraria 60 anos). Perdida, sozinha, ela se pergunta sempre o que é ser da federação e qual a importância de se seguir seus preceitos. A busca é quase que filosófica. Reconstruir valores, pensar o que é ser humano é talvez uma questão premente no final do século XX e que aparece de forma contundente neste seriado.

O último - até agora - dos seriados é "Enterprise". Curiosamente é como tudo começou, isto é antes do capitão Kirk sair pela galáxia pregando seus valores. O seriado assume ares de "onde foi que erramos". Trata-se de uma reconstrução da memória e da história, e nós espectadores como juizes.

O tema da volta às origens está presente também em "Star wars". Na primeira trilogia, somos induzidos a compactuar com os rebeldes, lutando lado a lado com Luke Skywalker contra o Império do Mal. As razões para a existência de tal Império eram, entretanto desconhecidas. Na segunda trilogia, passamos a

encarar (com certa simpatia) a fúria e a raiva de Anakin Skywalker na destruição da República e na construção do Império. Na ânsia de resguardar a República e dos valores que ela representa, vemos os personagens – principalmente Anakin – caminharem para uma ditadura de proporções intergalácticas. O toque pessoal na história, o amor de Anakin por Amigdala segue a mesma trilha. Obcecado pelo fato de perdê-la, pois que era mortal, Anakin, em um acesso de fúria, a mata, objetivando seu pior pesadelo. Difícil pensar em uma metáfora mais atual. Em defesa da liberdade e de um modo de vida, a maior potência do planeta não hesitou em restringir a própria liberdade dos seus cidadãos e massacrar pessoas em outros países.

Considerações finais

O presente ensaio não teve a pretensão de esgotar o assunto sobre as representações de futuro presentes nos filmes de Hollywood, pelo contrário, serve mais como o início de um pensar sobre o assunto. Muitos outros temas podem ser encontrados nos filmes citados, e muitos outros filmes poderiam ter sido analisados. A contribuição deste ensaio, mesmo que pequena, é alertar para a possibilidade de interpretações do que já foi considerada uma forma banal de entretenimento. Apesar de todas as discussões sobre a indústria cultural, é possível entrever no simples filme de entretenimento questões importantes e que merecem ser discutidas. Devo ressaltar que o que me motivou foi o empreendimento de alguns filósofos estadunidenses ao pensarem ser possível discutir filosofia a partir de filmes como "Matrix" e seriados como "Os Simpsons". Este empreendimento levou ao grande público a possibilidade de entrar em contato com temas filosóficos. Um destes livros encontra-se na bibliografia. Esse ensaio é a minha contribuição nesta empresa.

Referências

- ANDERSON, P. *O fim da história: de Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.
- EMMERICH, Roland (Diretor). *Independence Day*, 1996. [Filme Cinematográfico].
- EMMERICH, Roland (Diretor). *O dia depois de amanhã*, 2004. [Filme Cinematográfico].
- FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.
- HASKIN, Byron (Diretor). *Guerra dos Mundos*, 1953. [Filme Cinematográfico].
- HIBBS, T. S. Memórias do subsolo: niilismo e *Matrix*. In: IRWIN, W. (org). *Matrix: bem-vindo ao deserto do real*. São Paulo: Madras, 2003.

LUCAS, George (Diretor). *Star Wars*, 1977, 1980, 1983, 1999, 2002, 2005. [Filme Cinematográfico].

MILLER, George (Diretor). *Mad Max*, 1979. [Filme Cinematográfico].

NICCOL, Andrew (Diretor). *Gattaca: a experiência genética*, 1997. [Filme Cinematográfico].

REYNOLDS, Kevin (Diretor). *Waterworld*, 1995. [Filme Cinematográfico].

RODDENBERRY, Gene (Criador). *Star Trek*, 1966-2005. [Seriado Cinematográfico].

SPIELBERG, Steven. (Diretor). *Guerra dos Mundos*, 2005. [Filme Cinematográfico].

GILLIAM, Terry (Diretor). *Brazil*, 1985. [Filme Cinematográfico].

HOBBS, T. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo, Abril, 1974. (Os Pensadores)

WACHOWSKI, Andy; WACHOWSKI, Larry (Diretor). *Matrix*, 1999, 2003. [Filme Cinematográfico].

CAMERON, James (Diretor). *Exterminador do futuro*. 1984, 1991. [Filme Cinematográfico].

MOSTOW, Jonathan (Diretor). *Exterminador do futuro*. 2003. [Filme Cinematográfico].